



## Primeira Linha



**Confiança de banqueiro** | Ricardo Salgado manifestou-se ontem, na Hora H do Negócios, confiante nos resultados dos testes de stress, na véspera da sua divulgação pública.

INICIATIVA NEGÓCIOS

# Banqueiros garantem que passam nos testes de stress

Salgado diz que o BES vai passar nas avaliações de resistência. Ulrich anuncia que o BPI vai ter bons resultados. O Governo garante ter “todas as razões para confiar na solidez do sistema”

MARIA JOÃO GAGO  
PEDRO SANTOS GUERREIRO

Depois do ministro das Finanças e do Banco de Portugal terem anunciado, na semana passada, que os bancos portugueses vão passar nos testes de stress, ontem foi a vez de dois dos banqueiros em causa terem dado a cara pela avaliação positiva das suas instituições. Ricardo Salgado e Fernando Ulrich garantiram publicamente que o BES e o BPI superaram as provas de resistência promovidas pelo Comité de Supervisores Bancários Europeus, cujos resultados são publicados hoje.

“Estamos confiantes de que vamos passar nos testes”, revelou Salgado na Hora H, uma iniciativa do Negócios. O banqueiro aproveitou ainda para deixar um alerta, já que os dados relativos ao seu banco, que

são conhecidos hoje, estarão integrados na avaliação ao Espírito Santo Financial Group, maior accionista do BES. “É uma ‘holding’ operacional, que não tem clientes, não tem depósitos. O BES [cujos dados individuais serão conhecidos a 6 de Agosto] terá melhores resultados, mas o ESFG também deverá passar”, antecipou o gestor.

Já Ulrich assegurou, na apresentação de contas, que “os resultados do BPI nos testes de stress são bons. Só conheço os nossos dados, mas acho que os resultados dos outros bancos também são bons”.

Apesar de os líderes do BCP e da CGD ainda não se terem pronunciado, as declarações de optimismo face aos testes de stress que têm sido feitas pelas autoridades englobam todas as instituições avaliadas (os quatro bancos já referidos). Esta

ideia foi ontem novamente sublinhada pelo ministro da Presidência do Conselho de Ministros. O Executivo “tem todas as razões para confiar na solidez do nosso sistema financeiro”, por isso, está “sereno” e “confiante” face à divulgação dos resultados das avaliações.

### Banca avisa que resultados dos testes não resolvem problemas

Apesar do optimismo face aos testes de stress, os banqueiros estão conscientes de que os resultados não serão suficientes para superar a desconfiança face ao sistema financeiro, que se reflecte no fecho dos mercados de dívida de médio e longo prazo. “Depois dos resultados dos testes de stress vai continuar a haver comentários” de casas de investimento, alertou Salgado. Análises que, na sua opinião, têm contri-

buído “para o agravamento da situação do sistema bancário”, ao falarem de hipotéticas necessidades de aumentos de capital de vários bancos devido às avaliações de resistência.

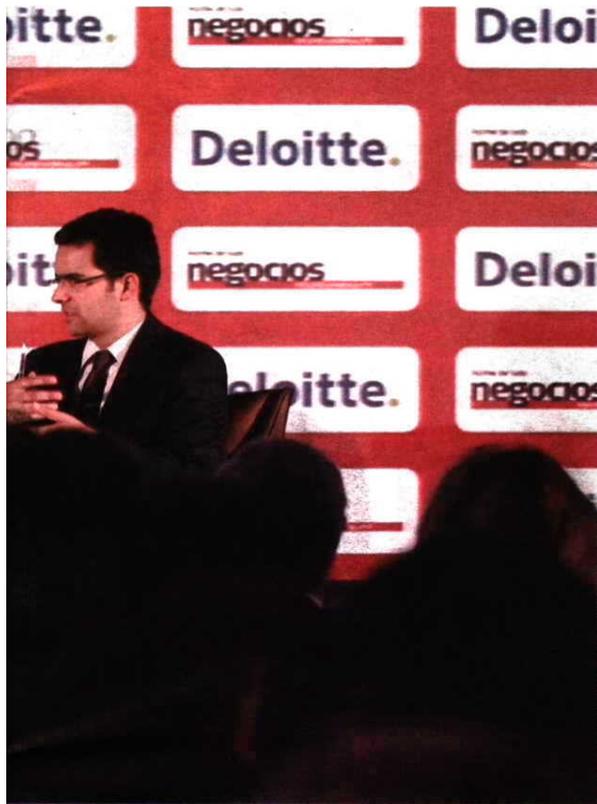
O líder do BPI, por seu turno, admite não saber se a publicação dos resultados das provas será suficiente para devolver a confiança ao mercado. “Se houve tanta gente no mercado a dizer que era importante fazer os testes, agora que os resultados são publicados, se a lógica não for uma batata, deviam levá-los em consideração. Mas não sei...”, confessou o banqueiro. Para Ulrich, mais importante é que “os mercados vejam que as medidas de austeridade estão a ser tomadas e a dar resultados. Mas isso demora tempo. A realidade vai demorar a mudar. Os mercados querem resultados mas isso só se faz com tempo”.



Ulrich diz que o mercado espera que as medidas de austeridade dêem resultado, o que demora tempo.

**Temos informações em sentido positivo sobre os testes de stress. Estamos confiantes.**

RICARDO SALGADO  
Presidente do BES



## A CRISE NO SECTOR BANCÁRIO

O presidente do BES respondeu a todas as questões colocadas por leitores do Negócios e pela audiência presente na Hora H. Ricardo Salgado falou sobre o peso da dívida pública nos bancos, sobre as grandes obras públicas, sobre consolidação no sector. Falou do papel das agências de "rating" e das novas regras de Basileia III.

### Comprar dívida pública não penaliza liquidez dos bancos

Era bom que não existisse um envolvimento tão grande da banca no financiamento do Estado.

Ricardo Salgado não está preocupado com o facto de os bancos estarem a tomar parte da dívida pública emitida pelo Estado português - no final de Maio, a banca tinha mais de 16,6 mil milhões em emissões do Tesouro. "Era bom que não existisse um envolvimento tão grande da banca no financiamento do Estado", afirmou o banqueiro, sublinhando que o sistema luso só tem 10% da dívida pública, contra 40% na Grécia. Além disso, Salgado sublinhou que este apoio "não afecta a liquidez dos bancos, já que os títulos são redescontáveis no BCE".

### Fusões na banca podem prejudicar consolidação do sector

Há espaço para maior consolidação em Portugal, mas não é isso que vai resolver o problema dos bancos portugueses.

"Há espaço para maior consolidação bancária em Portugal, mas não é isso que vai resolver o problema dos bancos portugueses", avisou Salgado. O banqueiro admite mesmo que, nesta altura, as operações de "concentração [entre diferentes instituições] podem até prejudicar a consolidação do sistema bancário". Sobre a possibilidade de o BES lançar uma oferta de compra sobre o BCP, Salgado afirmou que o banco liderado por Santos Ferreira "é muito grande". "Não me parece que seja a solução para o BCP ou para o BES."

### Momento não aconselha avançar com grandes obras

Não estamos associados ao Estado por um interesse mesquinho nos grandes projectos de obras públicas.

O presidente do BES reafirma que "não é este o momento para financiar grandes projectos". "Não é aconselhável o financiamento a grandes projectos" enquanto os mercados financeiros estiverem em turbulência. Ricardo Salgado esclareceu, no entanto, que continua a defender a necessidade de Portugal concretizar o projecto do TGV e do novo aeroporto de Lisboa. "Acreditamos na necessidade de modernização do País. Não estamos associados ao Estado [na defesa dessas obras] por um interesse mesquinho de financiar grandes projectos."

### Agências de "rating" foram responsáveis pelo fecho do mercado

Fiquei muito surpreendido com as decisões das agências de "rating". Parece que vêm com ideias pré-concebidas.

O líder do BES diz que a actuação das agências de "rating" contribuiu para as dificuldades de financiamento que os bancos portugueses estão a sentir no mercado interbancário. "Fiquei muito surpreendido com as decisões das agências de 'rating'. Parece que vêm com ideias pré-concebidas", lamentou. Salgado deu como exemplo a revisão em baixa anunciada pela Fitch esta semana. "O seu principal argumento é o facto de as linhas do mercado interbancário terem sido cortadas. Mas esse corte deveu-se aos 'downgrades' das agências de rating", justifica.

### Mercado de dívida começa a dar sinais positivos

Há alguma melhoria das linhas de crédito interbancário de muito curto prazo, até um mês.

O BES começa a ver alguns sinais de recuperação no mercado de dívida interbancário de curto prazo. "Há alguma melhoria das linhas de crédito interbancário de muito curto prazo. Até um mês, já há alguma flexibilidade" na obtenção de financiamento dos bancos portugueses junto de instituições financeiras internacionais, revelou ontem Ricardo Salgado. Por isso, o banqueiro considera que o recurso do sistema financeiro nacional ao "funding" do BCE "é transitório". E sublinhou que os bancos portugueses não são, "nem de perto, nem de longe, os que mais recorrem ao BCE".

### Novas regras de Basileia exigem cautelas da banca

Não precisamos de aumentos de capital em resultado dos testes de stress. Mas temos que esperar por Basileia III.

Os testes de stress não vão exigir que a banca aumente os seus capitais, mas essa necessidade pode resultar da introdução das novas regras prudenciais de Basileia, avisou o líder do BES. Depois de uma versão inicial com normas que suscitaram críticas da banca devido a serem pró-cíclicas, as novas normas internacionais estão a ser revistas. "Não precisamos de aumentos de capital devido aos testes de stress. Mas temos que esperar por Basileia III", recomendou. Sem isso, os "bancos necessitarão de capital à medida que forem expandindo a sua actividade".

## "BCP não é um problema para o sistema financeiro"

"O BCP não é um problema para o sistema financeiro português." A frase foi dita ontem de manhã por Ricardo Salgado, e, por outras palavras mas horas mais tarde, também Fernando Ulrich deu sinais de confiança na saúde do grupo liderado por Carlos Santos Ferreira, que há duas semanas foi vítima de uma onda de falsos boatos pondo em causa a sua solvabilidade.

O presidente do BES reconheceu que "o BCP não tem a estrutura accionista mais estável", mas sublinhou que "essa foi sempre a estratégia" do banco. Na sua opinião, "o BCP tem todas as condições para reforçar os seus capitais através do mercado, quando este recuperar. É preciso é que o mercado funcione".

Por seu turno, Fernando Ulrich foi duro a criticar os rumores que circularam sobre o banco de Santos Ferreira. "É uma estupidez monumental. Fazer isso é criminoso. O BCP fez bem em apresentar queixa às autoridades. Espero que descubram" os autores dos boatos.

O banqueiro deixou ainda uma crítica aos responsáveis de bancos concorrentes que possam ajudar a

alimentar esse tipo de rumores. "No BPI, se alguém fizer comentários negativos sobre outros bancos leva um processo disciplinar", revelou Ulrich, criticando campanhas publicitárias, como a do Santander Totta, "a dizer que há uns bancos mais sólidos do que outros" em altura de turbulência financeira.

### Jardim critica Santos Ferreira

Já o fundador do BCP, questionado pelos jornalistas à margem do Hora H, criticou a estratégia de defesa seguida pela gestão de Santos Ferreira nos processos dos supervisores contra o banco. Designadamente, na impugnação da coima de cinco milhões de euros que a CMVM aplicou ao BCP por prestação de informação falsa ao mercado, relacionada com a actuação de "offshores".

"É da responsabilidade do dr. Santos Ferreira e da sua equipa que a defesa, infelizmente, não tenha referido com o devido detalhe os factos e não tenha apresentado testemunhas. Não me admiro que o tribunal não tenha mais do que carimbo a decisão que vinha da CMVM", lamentou Jardim.



Na Hora H com Ricardo Salgado

# Não é altura de falar de traições na PT, há que ser pragmático

O presidente do BES sublinhou a importância de voltar à mesa das negociações para vender a posição da PT na Vivo e confirma que está em conversações com a Oi

Na "hora H", a Vivo será vendida à Telefónica. Mas para isso é preciso garantir a presença da PT no Brasil, existindo negociações com a Oi. Aliás, a Telefónica até terá subido ainda mais a sua oferta. E agora, guerra jurídica? Não: agora entendam-se. Estas podiam ser as conclusões do que diz Ricardo Salgado sobre a PT, ontem no pequeno-almoço executivo do **Negócios**.

O Banco Espírito Santo, enquanto accionista da Portugal Telecom, continua a defender a venda dos 50% que a operadora portuguesa tem na "holding" que controla a brasileira Vivo. E apesar do veto do Governo através da "golden share", o presidente executivo do BES acredita que este processo ainda não terminou. Ricardo Salgado defendeu que a única solução para este impasse é acabar com a parceria que a PT tem com a Telefónica no Brasil e arranjar alternativas no outro lado do Atlântico, pois defende que a PT deve continuar a investir naquele país. Perante isto, o banqueiro admitiu ainda que existem negociações com a Oi, mas também adiantou que não a operadora brasileira não é a única alternativa.

"A Telefónica não quer mais a parceria e nós temos que vender e a a melhor forma de evitar uma OPA à PT é deixar ir a Vivo", defendeu Ricardo Salgado, na Hora H. O banqueiro defendeu que o encaixe da venda da Vivo poderá ser utilizado em novos projectos no Brasil, "não é para distribuir pelos accionistas". "A PT tem todas as condições, com o encaixe que fizer voltar a ser uma grande empresa no Brasil, em parceria com brasileiras, numa estratégia que possa ter interesses recíprocos em Portugal, por parte dos brasileiros que podem eventualmente a serem accionistas da PT".

Na opinião de Ricardo Salgado,

a administração da PT deverá voltar às conversações com os espanhóis da Telefónica. "Chegou o momento da separação, com a Telefónica não é mais possível e isso ninguém tem dúvida", acrescentou. Uma batalha jurídica, diz, é completamente desnecessária, pois é um processo moroso e que irá congelar os planos das duas empresas.

Quanto ao uso da "golden share", por parte do Governo, para inibir o negócio que a maioria dos accionistas da PT queria, Ricardo Salgado disse não estar provado que este mecanismo pudesse ser usado neste caso. Mas, em tom irónico disse se o facto do Estado ter accionado a "golden share" tiver influenciado a subida do preço, como sinalizou que terá acontecido, então "já valeu a pena. E se assim for, o mérito é do primeiro-ministro". No entanto, "a administração da PT tem, hoje, um parecer jurídico fortíssimo de que a 'golden share' não se aplica".

No que concerne ao futuro da PT no Brasil, Ricardo Salgado admitiu que a empresa portuguesa está em conversações com a Oi. Mas, o banqueiro sublinhou que esta não é a única alternativa. "A PT no Brasil, com outros parceiros, pode vir a ser tão importante quanto a Vivo".

O BES vai "continuar a apoiar a PT e se houvesse uma OPA nós iríamos estar ao lado da PT", reiterou Salgado. O banqueiro elogiou o trabalho da administração da empresa portuguesa neste processo da negociação do preço da venda da Vivo, mas não comprometeu a posição do banco quanto ao futuro. "A administração da PT foi muitíssimo competente, porque chegou a um valor interessante". Ricardo Salgado é peremptório ao dizer: "Estou convencido que a operação vai acabar bem". Ou seja, que a PT vende a Vivo mas fica no Brasil. **ATP**

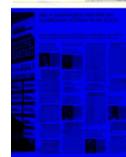
A administração da PT foi muitíssimo competente porque chegou a um valor interessante.

(Se a golden share serviu para aumentar o preço) "...então já valeu a pena. E o mérito é do primeiro-ministro.

É preferível chegarmos a um acordo do que ir para tribunal.



Boa disposição | Salgado defendeu, a propósito da "golden share" na PT: "Devemos e



# Não é possível gerir este País por duodécimos. Ponham-se de acordo

Ricardo Salgado convoca a oposição para um entendimento que viabilize o Orçamento do Estado de 2011. E defende a recandidatura de Cavaco

Tem de haver aprovação do Orçamento 2011



O Governo é minoritário, o que obriga a um aumento brutal da responsabilidade dos outros partidos.

**Disse há um ano em entrevista ao Negócios, antes das eleições, que "sem maioria absoluta os políticos terão de ter bom senso". Não há maioria. Os políticos têm tido bom senso?**

Tivemos um Orçamento aprovado, foi uma prova de bom senso. Mas é fundamental que o próximo Orçamento não seja por duodécimos. O facto de o Governo estar minoritário o que obriga é a um aumento brutal da responsabilidade dos outros partidos. Mas brutal! Porque nós estamos numa situação em que não é possível gerir este País por duodécimos. É fundamental de que se compenentrem de que tem de haver uma aprovação do Orçamento para o próximo ano.

**O PSD não cede na limitação das deduções fiscais, que o PS vai impor. Será muito mau para o País se os partidos da oposição não se entenderem em relação ao Orçamento do ano que vem. É isso que o País deverá pedir aos políticos da oposição, é que procurem fazer um esforço, com o Governo do PS naturalmente, para chegarem a um acordo.**

Se não houver aprovação, passa a ser provável a antecipação de eleições? Não faço ideia, até porque isso depende também vontade dos outros partidos quererem assumir a gestão do País. Vamos ver. O melhor seria que houvesse consciência que é preciso aprovar o OE.

**O Presidente da República devia ter antecipado esse entendimento aquando da constituição do Governo, promovendo uma coligação?** Eu não sou político, não posso tecer comentários desse género, só de coisas objectivas. O Orçamento é muito objectivo e é muito preci-

so para o País para 2011 também. Portanto, ponham-se de acordo.

Cavaco deve recandidatar-se



O Presidente Cavaco Silva é uma referência nacional.

**Cavaco Silva deve recandidatar-se?**

O Presidente Cavaco Silva é uma referência nacional. Não vejo por que não. Só se tomar uma decisão ele própria contrária.

**Ou seja, sim.**

Acho que se deve recandidatar.

**E deve ser reeleito?**

Cada um exprimirá a sua opinião no momento devido.

É preciso mais flexibilidade na lei do trabalho



Precisamos de soluções que nos permitam encontrar mais emprego.

**A proposta de revisão constitucional do PSD propõe o fim da justa causa para despedimento. Concorda?**

Não sou político, não faço considerações políticas. Mas faço uma consideração puramente objectiva: nós temos uma lei do trabalho que é extremamente rígida. Mas estamos a assistir a um aumento do nível do desemprego, já acima dos 10,5%. (Há quem diga que é superior, pois há desemprego oculto.) Isso deve-se a quê? Naturalmente à crise, mas fundamentalmente ao facto de não sermos competitivos em muitas áreas. Empresas fecharam para irem para o exterior para serem mais competi-

vas; várias empresas nacionais de sectores tradicionais tiveram de fechar portas por não terem condições de aguentar a crise; e não somos competitivos por termos uma baixíssima produtividade do trabalho. A nossa preocupação fundamental é criar postos de trabalho, criar investimento. É importante defender a estabilidade do trabalho mas devíamos preocupar-nos mais em criar mais emprego. Há legislações muito mais flexíveis que a nacional. É obrigatório fazer-se um aferimento das legislações europeias, até porque de uma forma ou de outra vamos ter de caminhar para uma homogeneidade a nível europeu. Temos de encontrar soluções que nos permitam encontrar mais emprego e para isso é preciso mais flexibilidade no trabalho.

**Está a concordar com o PSD...**

Não. Eu não li o programa do PSD. Estou a constatar coisas evidentes para a nossa economia.

**A proposta prevê também o fim da saúde tendencialmente gratuita.**

Os privados têm feito uma boa caminhada na área da saúde. As pessoas estão a cobrir-se com seguros de saúde. E o Estado continua a ter uma despesa brutal com a área da Saúde. É um dos principais factores do défice do Estado. Portanto, não será normal permitirem aos privados entrarem um bocadinho mais na área da saúde e poderem contribuir para reduzir a carga do Orçamento do Estado? Uma coisa pode ter a certeza: as unidades operacionais na área da Saúde são com certeza geridas de uma forma muito concreta e objectivas para darem resultado.

Não vimos nada na redução de despesa pública



O PEC teve a ver fundamentalmente com aumento de receita, agora é preciso é pegar na despesa.

**Que papel cabe ao Estado na recuperação económica?**

O Estado tem um compromisso perante os portugueses que é reduzir a despesa pública. E até agora ainda não vimos nada de concreto sobre a redução da despesa pública. Julgo que se impõe que o senhor ministro das Finanças - que considero ser um dos melhores ministros das Finanças que tivemos - nos consiga apresentar o que se está a conseguir na área da despesa. A receita do Estado está a crescer bem. Mas está a crescer bem também à custa dos bolsos dos portugueses. É fundamental haver uma redução da despesa.

**O próximo OE deve ser uma espécie de PEC 3, para reduzir despesa?**

O PEC teve a ver fundamentalmente com aumento de receita, agora é preciso pegar na componente da despesa e traduzi-la em coisas concretas. Isso é que nós estamos a aguardar.

BES é Centro de Decisão Nacional

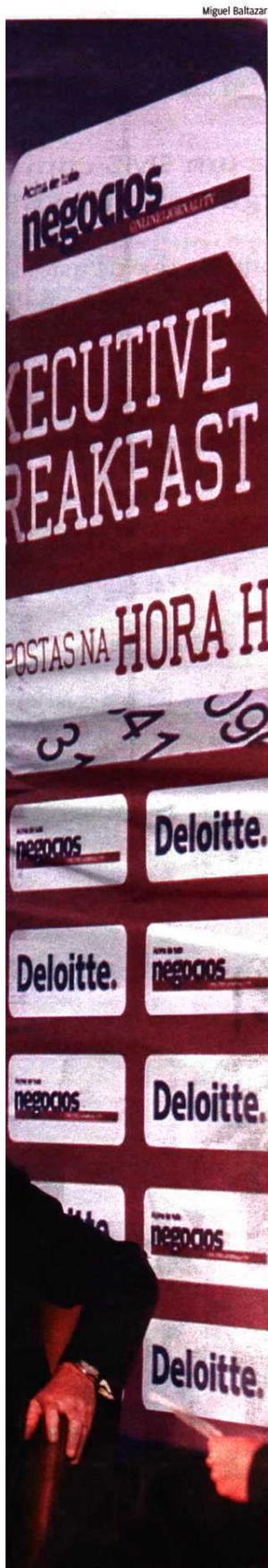


Acho que o Banco Espírito Santo é um Centro de Decisão Nacional.

**Perguntámos à audiência da Hora H [mais de 150 personalidades, ontem num hotel em Lisboa] se o BES é um centro de decisão nacional. A resposta dividiu-se: 50% sim, 50% não. Já não é mau (riso).**

**Desempate isto... O BES é um Centro de Decisão Nacional?**

Acho que é. E temos parceiros estrangeiros, que têm tido um comportamento impecável desde a nossa associação. O Credit Agricole, que é também um gigante, e o Bradesco, que é um parceiro fantástico que nos tem ajudado muito no Brasil.



Miguel Baltazar

star sempre ao lado do Governo".



ID: 31160479

23-07-2010

Na Hora H com Ricardo Salgado



## AS PERGUNTAS

A AUDIÊNCIA DA HORA H FOI CONFRONTADA COM DUAS PERGUNTAS. EIS AS RESPOSTAS

1

"Na Hora H, a Telefónica vai acabar por comprar a Vivo?". A esta questão era impossível ter maior unanimidade na resposta: 100% daqueles que votaram considera que sim. Ricardo Salgado concorda, mas considerando que a Portugal Telecom não deve sair do Brasil. Há negociações na Oi.

2

"O BES é um Centro de Decisão Nacional?". A esta pergunta, era impossível ter maior divisão na resposta: 50% disse que sim, 50% disse que não. "Já não é mau", brincou Ricardo Salgado. Que depois desempatou: "sim, o BES é um Centro de Decisão Nacional".



**Hora H** | O novo formato do Negócios decorre durante uma hora, ao início do dia, como pequeno-almoço executivo. O formato é de pergunta e resposta, a partir de perguntas colocadas também pela plateia, que o director do Negócios lê e modera. Ontem, durante a Hora H, o presidente executivo do Banco Espírito Santo respondeu a quase 30 perguntas sobre a banca, a Portugal Telecom e o estado da política e da economia do País.



**150 no Sheraton** | Nestas fotos, alguns dos convidados na Hora H: Estela Barbot, Pedro Rebelo de Sousa, Paulo Fernandes, Maria Cândida Rocha e Silva, Miguel Magalhães Duarte...



**Há 18 anos, a privatização** | Ricardo Salgado começou por ser confrontado na Hora H com uma fotografia de há 18 anos, que foi projectada na tela e que aqui se reproduz, à direita. É uma fotografia da sessão de reprivatização do Banco Espírito Santo, em 1992, na então Bolsa de Valores de Lisboa. "18 anos depois, esperava estar em stress?". Ricardo Salgado riu-se. E depois relativizou: "temos passado por muitos momentos de stress."



**Casa cheia** | Alguns dos convidados na Hora H: Diogo Vaz Guedes, Pedro Norton, Marçal Grilo, Guta Moura Guedes, Paulo Morgado, Isabel Vaz, Vítor Bento, José Honório, Jardim Gonçalves, Manuel Fino, Pereira da Silva, Clara Ferreira Alves...

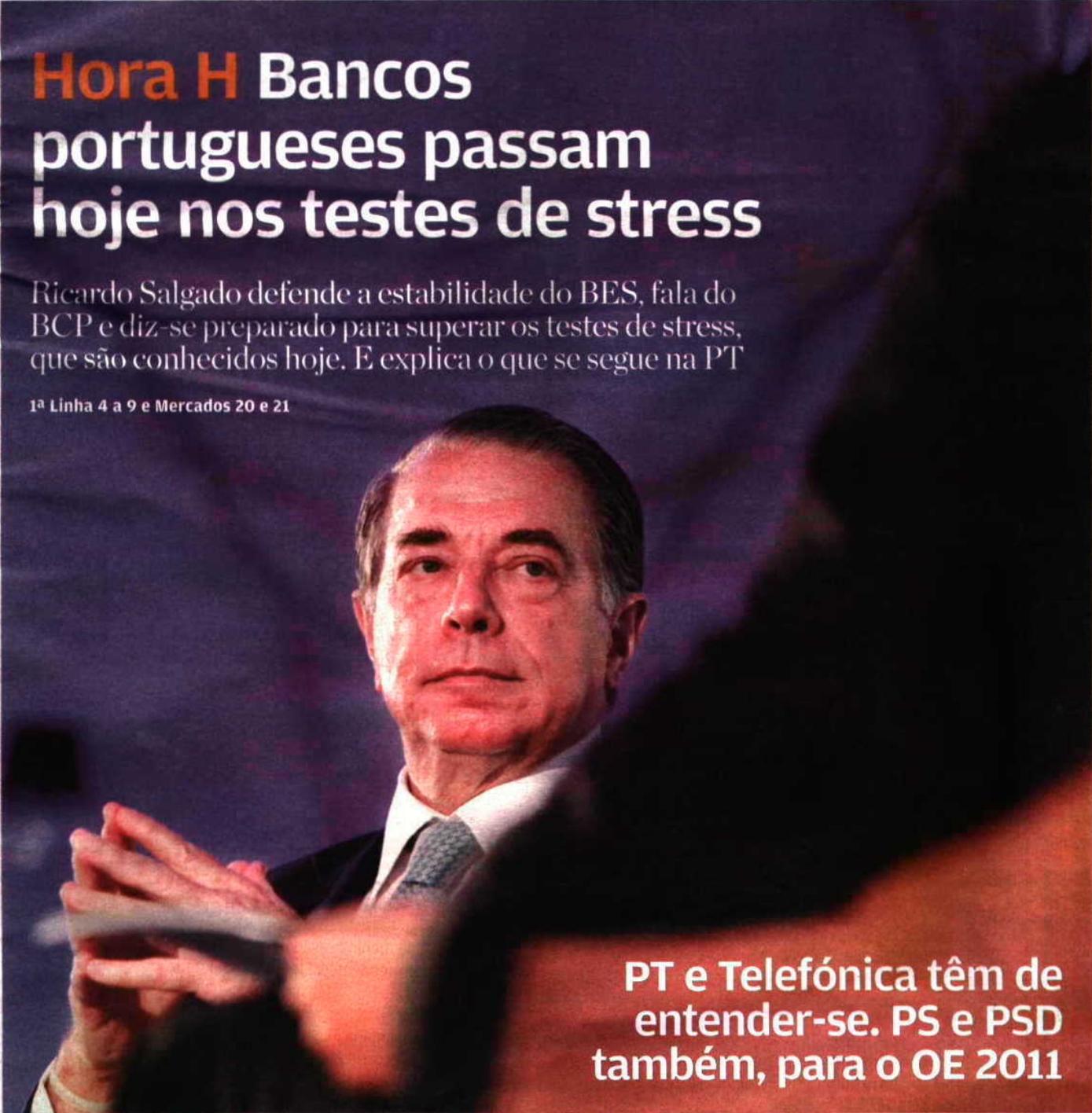


**Sob os holofotes** | As estações de televisão, as rádios, a imprensa escrita e várias agências de informação marcaram presença na Hora H, tendo noticiado as principais conclusões ao longo do dia.

# Hora H Bancos portugueses passam hoje nos testes de stress

Ricardo Salgado defende a estabilidade do BES, fala do BCP e diz-se preparado para superar os testes de stress, que são conhecidos hoje. E explica o que se segue na PT

1ª Linha 4 a 9 e Mercados 20 e 21



PT e Telefónica têm de  
entender-se. PS e PSD  
também, para o OE 2011